

## MERCADO DE TRABALHO

# Desempenho recente do mercado de trabalho

### Sumário

Os dados mais recentes mostram que o mercado de trabalho brasileiro continua bastante aquecido, consolidando uma trajetória de queda da desocupação e expansão de rendimentos reais. Por certo, o desempenho melhor que o esperado da atividade econômica, no terceiro trimestre do ano, impulsionou a criação de novas vagas de emprego, cujo ritmo de expansão se mostrou, novamente, superior ao observado na força de trabalho, garantindo, desta forma, o recuo da taxa de desocupação. Adicionalmente, diante deste quadro marcado por uma demanda de mão de obra acima da ofertada, a pressão sobre os salários vem gerando sucessivas altas dos rendimentos reais, que, combinadas à expansão da ocupação, impactam positivamente a massa salarial real e o consumo das famílias.

Em outubro, após a mensalização das estatísticas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desocupação ficou em 6,0%, recuando 1,4 ponto percentual (p.p.) na comparação com o observado no mesmo período de 2023. Na margem, embora os dados dessazonalizados indiquem uma leve aceleração da taxa em outubro (6,4%), ante a registrada em setembro (6,0%), a desocupação se mantém em patamar bem reduzido. Deve-se pontuar, no entanto, que mesmo diante de um cenário marcado por um bom desempenho da população ocupada, o baixo dinamismo da taxa de participação, cujo patamar de 62,3% registrado em outubro ainda se encontra abaixo do observado no período pré-pandemia, também ajuda a compor este quadro de desocupação historicamente baixa. Com efeito, enquanto a população em idade ativa cresceu 4,7% entre o terceiro trimestre de 2019 e o terceiro trimestre de 2024, a expansão da força de trabalho foi de 2,6%, no mesmo período. Os microdados da PNAD Contínua sinalizam que, entre 2019 e 2024, o arrefecimento da força de trabalho foi mais intenso entre as mulheres (1,4%), entre os trabalhadores mais jovens (-10,7%) e entre os menos escolarizados (-18%). Ainda com base nos microdados da pesquisa do IBGE, nota-se que, não obstante o crescimento da parcela de indivíduos em idade ativa que estão fora da força de trabalho, vem aumentando a proporção deste contingente que não deseja retornar ao mercado mesmo diante da oferta de emprego. No terceiro trimestre de 2024, 85,9% das pessoas fora da força de trabalho não tinham pretensão de retornar à atividade, o que significa um avanço de 4,2 p.p., na comparação com o mesmo trimestre de 2019.

Deve-se registrar, ainda, que esse aumento da população fora da força de trabalho não pode ser atribuído – como ocorrido em outros momentos – ao desalento, tendo em vista que o ritmo de criação de novas vagas de trabalho vem conseguindo retirar da desocupação uma parcela cada vez maior de indivíduos, agindo, inclusive, na diminuição do tempo de procura por emprego. No terceiro trimestre de 2024, o per-

**Maria Andréia Parente Lameiras**

Técnica de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

[maria-andreia.lameira@ipea.gov.br](mailto:maria-andreia.lameira@ipea.gov.br)

**Leo Veríssimo Fernandes**

Pesquisador do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Disoc/Ipea

[leo.fernandes@ipea.gov.br](mailto:leo.fernandes@ipea.gov.br)

**Gabriela Carolina Rezende Padilha**

Pesquisadora do PNPD na Disoc/Ipea

[gabriela.padilha@ipea.gov.br](mailto:gabriela.padilha@ipea.gov.br)

Divulgado em 20 de dezembro de 2024.

centual de trabalhadores à procura de uma nova colocação no mercado de trabalho há mais de dois anos – o que já pode ser considerado como desemprego de longo prazo – era de 21%, ou seja, 6,2 p.p. abaixo do registrado neste mesmo período em 2022.

De fato, tanto os dados da PNAD Contínua quanto os do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) ratificam que o crescimento da população ocupada é o principal responsável pelo recuo da taxa de desocupação. De acordo com a pesquisa do IBGE, em outubro, o contingente de ocupados na economia avançou 2,9%, na comparação interanual, chegando a 102,8 milhões de trabalhadores. Já os dados do Novo Caged divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego apontam que, no acumulado do ano, até outubro, a economia brasileira gerou 2,1 milhões de novas vagas com carteira assinada, o que corresponde a um aumento de 18,6% em relação ao observado no mesmo período de 2023 (1,8 milhão).

Dentro desse contexto, caracterizado por uma baixa ociosidade do mercado de trabalho, observa-se que, em outubro, os rendimentos médios reais habituais e efetivos recebidos chegaram a R\$ 3.278,00 e R\$ 3.311,00, avançando 4,4% e 5,6%, respectivamente, na comparação interanual. Consequentemente, a combinação entre expansão da ocupação e crescimento dos rendimentos vem possibilitando um cenário de forte crescimento tanto da massa salarial real habitual quanto da real efetiva, que aceleraram 7,8% e 9,0%, nesta ordem, em outubro, na comparação interanual.

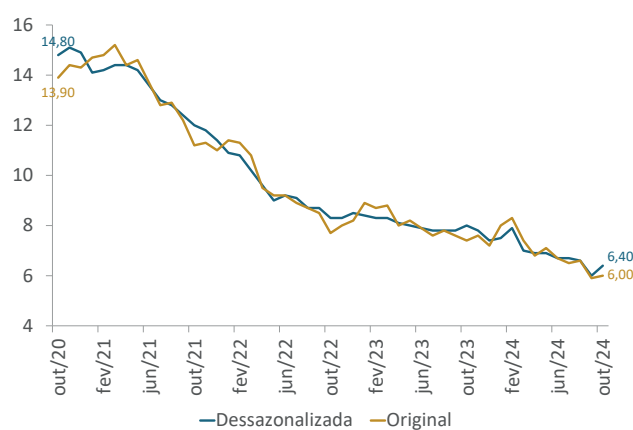
## 1 Aspectos gerais

Os dados mensalizados da PNAD Contínua revelam que, em outubro, a taxa de desocupação ficou em 6,0%, situando-se 1,4 p.p. abaixo da observada no mesmo período do ano anterior (gráfico 1). Já na série livre de efeitos sazonais, embora a taxa apurada de 6,4%, em outubro, mostre uma pequena aceleração na comparação com setembro (6,0%), a desocupação no mercado de trabalho brasileiro se mantém em patamares historicamente baixos. Nota-se ainda que, se, por um lado, o bom desempenho da ocupação se constitui no principal fator explicativo para esta queda do desemprego, por outro, o baixo dinamismo da taxa de participação também ajuda a compor este cenário de desaceleração da desocupação.

De acordo com a pesquisa do IBGE, mesmo diante de uma pequena retomada nos últimos meses, a taxa de participação de 62,3% registrada em outubro (gráfico 2) ainda se encontra abaixo da observada no período pré-pandemia, trazendo, por conseguinte, um alívio ainda maior sobre a taxa de desocupação. Por certo, na hipótese de a taxa de participação corrente estar em nível próximo ao observado no biênio 2018-2019 – 63,4%, em média –, a taxa de desocupação, sem ajuste sazonal, em outubro, seria de 7,7%, ou seja, 1,7 p.p. acima da registrada.

A desaceleração da taxa de participação reflete um desempenho mais modesto da força de trabalho ao longo dos últimos anos. De fato, enquanto a população em idade ativa cresceu 4,7% entre o terceiro trimestre de 2019 e o terceiro trimestre de 2024, a expansão da força de trabalho foi de apenas 2,6%, no mesmo período. A partir dos microdados da PNAD Contínua, é possível verificar que esta perda de dinamismo da força de trabalho ocorreu de forma diferenciada entre todos os segmentos pesquisados (gráfico 3). A abertura por sexo mostra que,

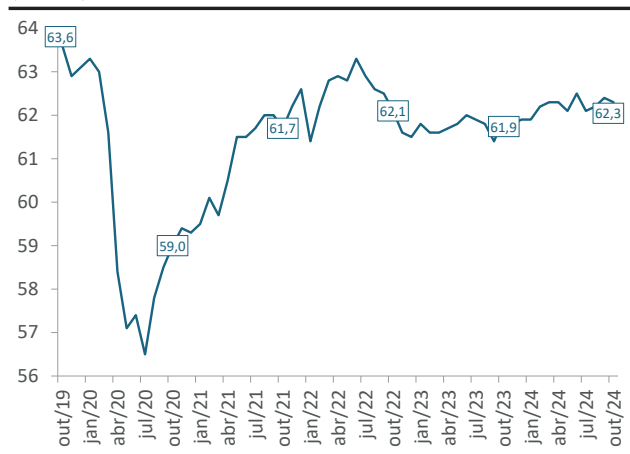
GRÁFICO 1  
Taxa de desocupação  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).

na comparação entre o terceiro trimestre de 2019 e o terceiro trimestre de 2024, enquanto a força de trabalho masculina se expandiu (3,1%), o crescimento feminino foi mais modesto (1,4%). No caso da desagregação por faixa etária, observa-se que houve uma forte retração da força de trabalho dos mais jovens (-10,7%), cuja queda contrasta com a alta de 21% observada no grupo dos trabalhadores mais idosos. De modo semelhante, a análise dos dados por instrução mostra uma queda da força de trabalho menos escolarizada (-18%) e um crescimento mais robusto no segmento dos trabalhadores com ensino superior (17,6%).

**GRÁFICO 2**  
Taxa de participação dessazonalizada  
(Em %)

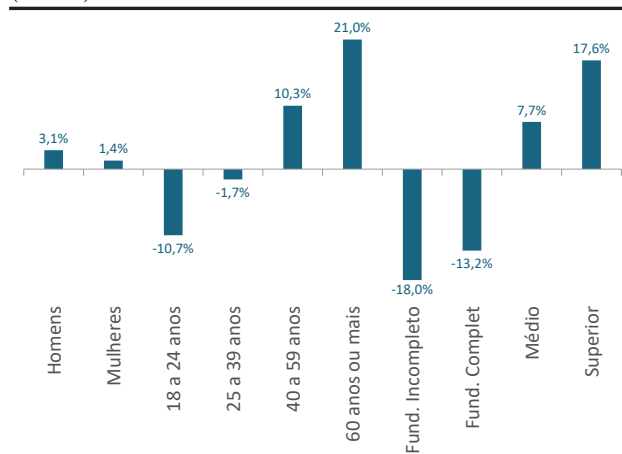


Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Disoc/Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Ainda com base nos microdados da pesquisa do IBGE, nota-se que no terceiro trimestre de 2024, a proporção de pessoas que estão fora da força de trabalho e não retornariam ao mercado mesmo se houvesse uma proposta de emprego acelerou novamente, chegando a 85,9% (gráfico 4).

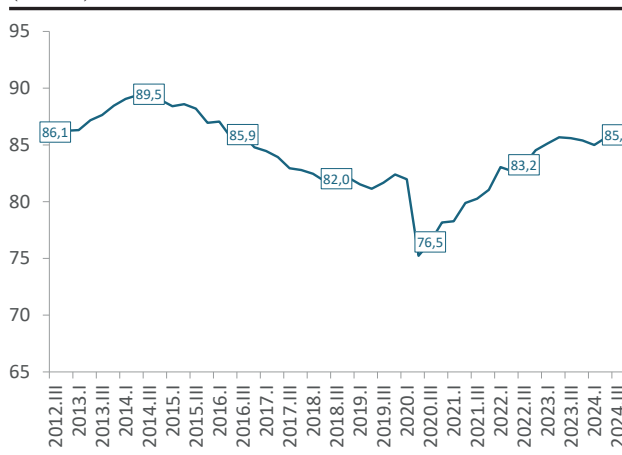
Deve-se pontuar, também, que nos últimos trimestres as causas apontadas por este conjunto de indivíduos para se manter fora da força de trabalho vêm consolidando novas trajetórias distintas das observadas no período pré-pandemia (gráfico 5). Com efeito, a proporção de pessoas fora da força de trabalho devido ao desalento vem recuando mais intensamente, de modo que no terceiro trimestre de 2024 a parcela de 37,6% ficou 9,0 p.p. abaixo da registrada no fim de 2019 (46,6%). Por sua vez, a fração de indivíduos que estão fora da força de trabalho por ter que realizar cuidados domésticos avançou bastante após a pandemia, passando de 17,6%, no quarto trimestre de 2019, para 22,5%, no terceiro trimestre de 2024. De modo similar, a parcela de indivíduos fora da força de trabalho por problemas associados à saúde, à gravidez ou a outras questões pessoais também acelerou, saltando de 17,9% para 23,1% entre o fim de 2019 e o terceiro trimestre de 2024. Já a proporção de pessoas fora da força de trabalho por conta dos estudos manteve-se estável no período, em torno de 13,0%.

**GRÁFICO 3**  
Força de trabalho desagregada: taxa de crescimento (2019-2024)  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 4**  
Proporção de indivíduos fora da força de trabalho que não almejam retornar ao mercado  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Os dados mais recentes, no entanto, já sinalizam uma pequena recuperação da força de trabalho, tendo em vista que na média do último trimestre, encerrado em outubro, esse contingente apontou uma alta interanual de 1,8%, acima, portanto, do observado no trimestre imediatamente anterior, finalizado em julho (1,5%). Em outubro, a força de trabalho no país abarcava pouco mais de 110 milhões de pessoas (gráfico 6).

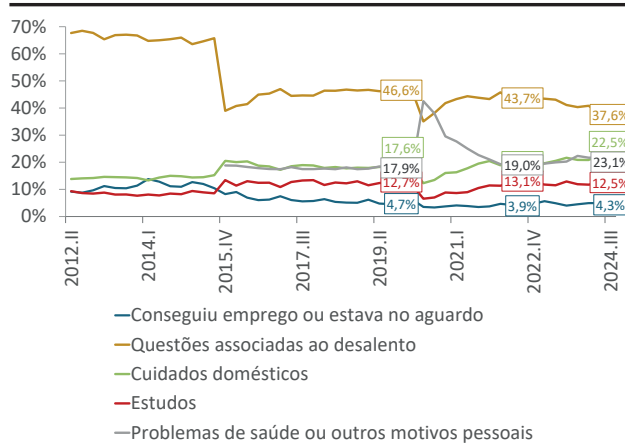
No que diz respeito à ocupação, tanto os dados da PNAD Contínua quanto do Novo Caged ratificam que, de fato, é o crescimento da população ocupada o principal responsável pelo recuo da taxa de desocupação. Segundo a pesquisa do IBGE, em outubro, em que pese uma leve desaceleração na margem, o contingente de ocupados na economia era de 102,8 milhões de trabalhadores (gráfico 7). No último trimestre móvel, encerrado em outubro, na média, a ocupação avançou 3,4%, acelerando na comparação com o trimestre imediatamente anterior (2,7%), finalizado em julho.

Nota-se, ainda, que mesmo diante de um bom comportamento do emprego formal,<sup>1</sup> nos últimos meses, observa-se um desempenho relativamente mais forte da ocupação no setor informal<sup>2</sup> da economia. Por certo, no último trimestre móvel, encerrado em outubro, enquanto a população ocupada com algum tipo de registro, medida pelo IBGE, avançou 3,7%, o aumento do número de trabalhadores informais foi de 4,6% (gráfico 8).

De modo semelhante ao apontado pela pesquisa do IBGE, os dados do Novo Caged também sinalizam um cenário de dinamismo da ocupação formal no país. De acordo com os dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, no acumulado do ano até outubro, a economia brasileira gerou 2,1 milhões de novas vagas com carteira assinada, o que corresponde a um aumento de 18,6% em relação ao observado no mesmo período de 2023 (1,8 milhão). Dessa forma, o estoque de trabalhadores formais chegou a 47,6 milhões em outubro de 2024, o que representa alta de 3,9% na comparação interanual (gráfico 9).

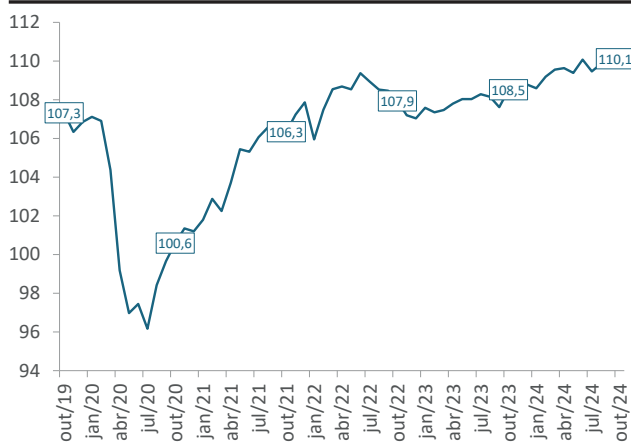
Adicionalmente, deve-se pontuar que as boas condições do mercado de trabalho brasileiro também são evidenciadas pela melhora do indicador tempo de procura por emprego, dado que o percentual de indivíduos que estão à procura de uma nova colocação no mercado de trabalho há mais de dois anos – o que já pode ser considerado como desemprego de longo prazo – recuou, mais uma vez, no último trimestre. Com efeito, no terceiro trimestre de 2024, essa parcela correspondia a 21% do total de desempregados, o que significa uma queda de 6,2 p.p. nos últimos dois anos (gráfico 10).

**GRÁFICO 5**  
**Proporção de indivíduos fora da força de trabalho por motivação**  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 6**  
**Força de trabalho: dados dessazonalizados**  
(Em milhões de pessoas)

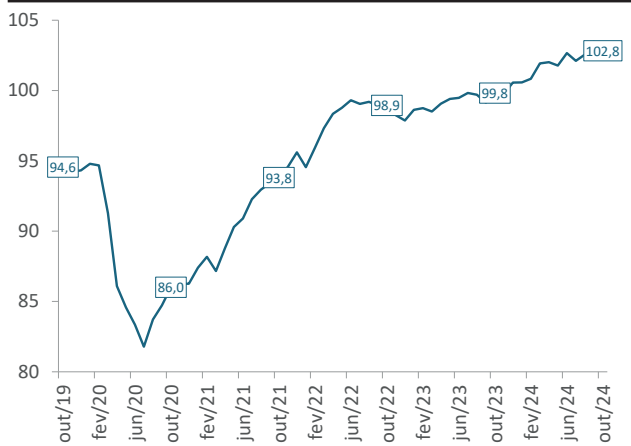


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1. Ocupação formal compreende o trabalhador com carteira nos setores privado e público, os militares e estatutários, o trabalhador doméstico com carteira, o empregador com CNPJ e o trabalhador por conta própria com CNPJ.  
2. Ocupação informal compreende o trabalhador sem carteira nos setores privado e público, o trabalhador doméstico sem carteira, o empregador sem CNPJ, o trabalhador por conta própria sem CNPJ e o trabalhador familiar.

GRÁFICO 7

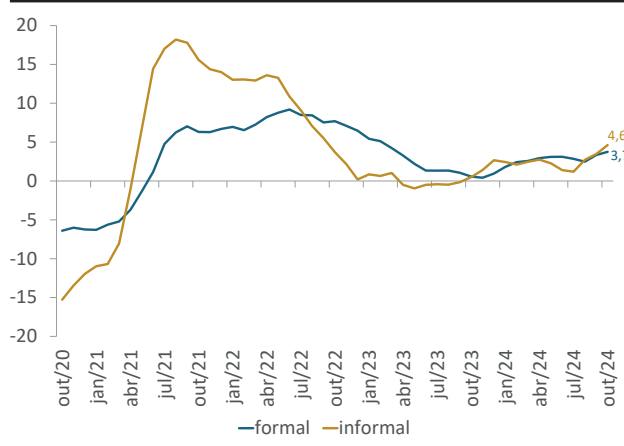
**População ocupada: dados dessazonalizados**  
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 8

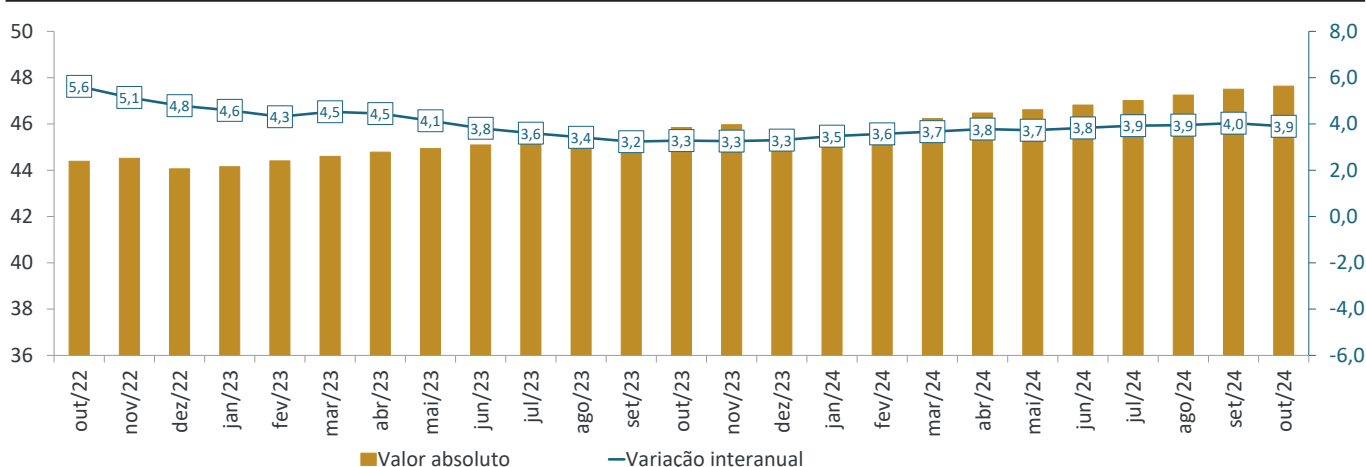
**Ocupação formal e informal: variação interanual**  
(Em %, médias móveis trimestrais)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9

**Novo Caged: estoque de empregos formais**



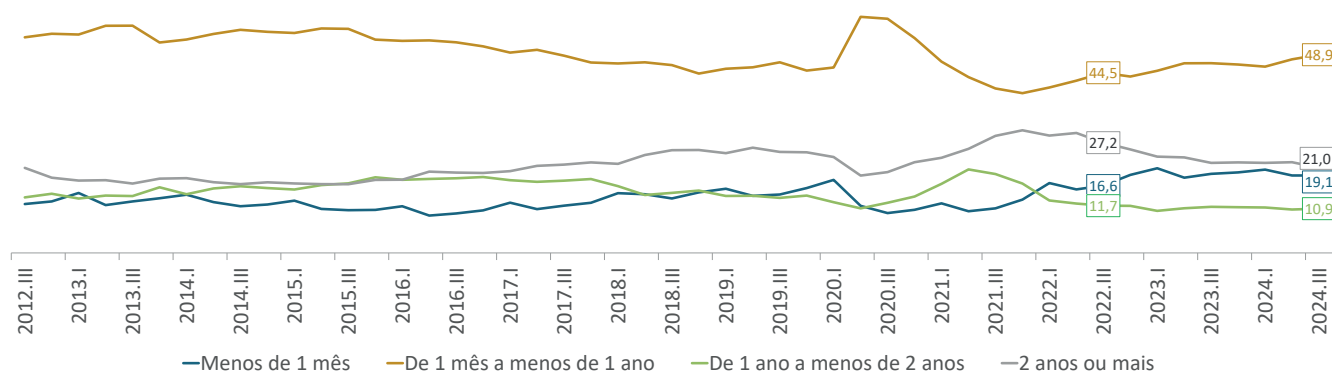
Fonte: Novo Caged/Secretaria de Trabalho.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, os dados mostram que, como esperado, diante de um mercado de trabalho bastante aquecido, os rendimentos médios reais apresentam trajetória de alta nos últimos meses. Em outubro, os rendimentos médios reais habituais e efetivos recebidos chegaram a R\$ 3.278,00 e R\$ 3.311,00, acelerando 4,4% e 5,6%, respectivamente, na comparação interanual. Conseqüentemente, a combinação entre expansão da ocupação e crescimento dos rendimentos vem possibilitando um cenário de forte avanço tanto da massa salarial real habitual quanto da real efetiva, que aceleraram 7,8% e 9,0%, nesta ordem, em outubro, na comparação interanual.<sup>3</sup>

3. Para mais detalhes, conferir a seção de rendimentos da *Carta de Conjuntura* nº 65.



GRÁFICO 10  
**PNAD Contínua: desocupados, por tempo de procura**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Análise desagregada da desocupação

Os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral, mostram que, no terceiro trimestre de 2024, todos os segmentos pesquisados apresentaram recuo da taxa de desocupação, tanto na comparação interanual quanto em relação ao período imediatamente anterior (tabela 1). Na abertura regional, os principais destaque vão para o Nordeste e Sudeste, cujas taxas de desocupação de 8,7% e 6,2%, apuradas no terceiro trimestre de 2024, situam-se, respectivamente, 2,1 p.p e 1,3 p.p. abaixo das registradas neste mesmo período de 2023 (10,8% e 7,5%, nesta ordem). Nota-se, entretanto, que mesmo diante dessa expressiva desaceleração, o Nordeste ainda apresenta a maior taxa de desocupação entre todas as regiões brasileiras. Em contrapartida, a região Sul segue apresentando a menor taxa de desocupação do país (4,1%). O recorte por gênero revela que, em termos relativos, a queda interanual do desemprego no terceiro trimestre foi igual para ambos os sexos, tendo em vista que enquanto a desocupação entre os homens recuou de 6,4% para 5,3%, a das mulheres caiu de 9,3% para 7,7%.

A abertura por idade mostra que, embora a taxa de desocupação dos trabalhadores mais jovens tenha registrado queda de 2,6 p.p., na comparação interanual, a taxa de 13,4%, apurada no terceiro trimestre de 2024, ainda se encontra em patamar bem acima das demais faixas etárias. Deve-se registrar também que embora este segmento tenha apresentado uma taxa de crescimento interanual da ocupação de 1,6% no terceiro trimestre (gráfico 11), boa parte do recuo da desocupação se deve à queda de 1,5% observada na força de trabalho desse grupo (gráfico 12). Em contrapartida, a queda da desocupação para todas as demais faixas etárias é decorrente de uma expansão da ocupação em ritmo superior ao registrado pela força de trabalho. Por certo, mesmo diante de um aumento de 7,8% da sua força de trabalho, a taxa de desocupação dos trabalhadores mais idosos recuou no terceiro trimestre, beneficiada pelo forte crescimento da ocupação.

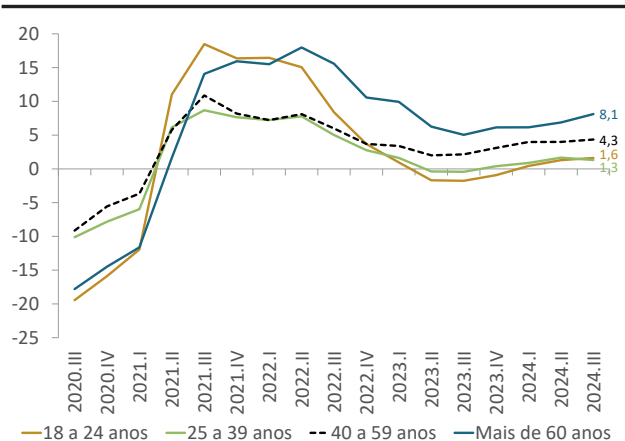
Já a desagregação por nível educacional revela que a desocupação dos trabalhadores com ensino médio incompleto segue sendo a mais alta (10,8%) entre todos os segmentos, ao passo que a mais baixa está no grupo com ensino superior (4,1%). Ainda de acordo com os microdados da PNAD Contínua, nos segmentos menos escolarizados, o recuo da taxa de desocupação é explicado muito mais pela perda de dinamismo da força de trabalho do que pela expansão da ocupação. Em contrapartida, apesar de registrar respectivos avanços de 4,1% e 4,3% da população ocupada (gráfico 13), a queda da desocupação entre os trabalhadores com ensino médio e ensino superior foi atenuada pelas altas de 2,4% e 3,6%, nessa ordem, observadas em suas forças de trabalho (gráfico 14).

TABELA 1  
Taxa de desemprego  
(Em %)

	2021		2022				2023				2024		
	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.
Brasil	12,6	11,1	11,1	9,3	8,7	7,9	8,8	8,0	7,7	7,4	7,9	6,9	6,4
Centro Oeste	9,8	8,4	8,5	7,0	6,5	6,2	7,0	5,7	5,5	5,8	6,1	5,4	4,9
Nordeste	16,4	14,7	14,9	12,7	12,0	10,9	12,2	11,3	10,8	10,4	11,1	9,4	8,7
Norte	12,0	11,2	11,7	8,9	8,2	8,1	9,1	8,1	7,7	7,7	8,2	6,9	6,6
Sudeste	13,1	11,2	11,1	9,3	8,7	7,9	8,6	7,9	7,5	7,1	7,6	6,6	6,2
Sul	7,5	6,7	6,5	5,6	5,2	4,5	5,0	4,7	4,6	4,5	4,9	4,7	4,1
Masculino	10,1	9,0	9,1	7,5	6,9	6,5	7,2	6,9	6,4	6,0	6,5	5,6	5,3
Feminino	15,9	13,9	13,7	11,6	11,0	9,8	10,8	9,6	9,3	9,2	9,8	8,6	7,7
18 a 24 anos	25,7	22,8	22,8	19,3	18,0	16,4	18,0	16,6	16,0	15,3	16,8	14,3	13,4
25 a 39 anos	11,5	10,1	10,2	8,3	7,8	7,1	8,2	7,4	7,0	6,9	7,3	6,3	5,9
40 a 59 anos	8,2	7,2	7,1	6,0	5,6	5,3	5,6	5,3	5,1	4,9	5,2	4,6	4,1
Mais de 60 anos	5,4	4,4	4,3	4,0	3,7	3,4	3,9	3,4	3,2	3,5	3,2	3,1	3,0
Fundamental Incompleto	12,1	10,9	10,8	8,9	8,7	8,3	8,5	7,8	7,7	7,7	7,6	6,9	6,2
Fundamental Completo	14,0	13,3	12,2	10,4	10,1	9,3	10,1	9,6	9,9	9,3	9,2	8,2	8,0
Médio Incompleto	20,1	18,4	18,3	15,3	15,3	13,9	15,2	13,6	13,5	13,0	13,9	11,5	10,8
Médio Completo	14,4	12,6	12,7	10,6	9,7	8,5	9,9	9,2	8,6	8,0	8,9	7,8	7,1
Superior	8,2	6,7	7,1	5,9	5,3	4,9	5,6	4,9	4,6	4,5	5,2	4,4	4,1

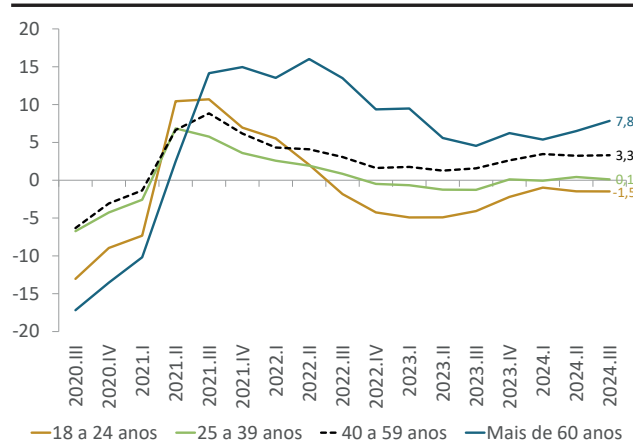
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11  
População Ocupada - Por faixa etária  
(Variação interanual - %)



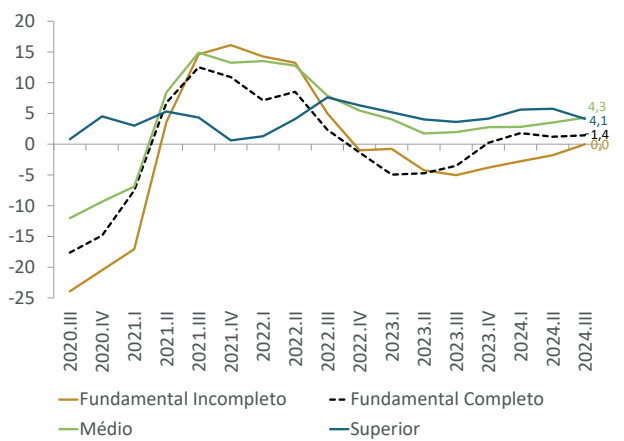
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 12  
População Economicamente Ativa - Por faixa etária  
(Variação interanual - %)



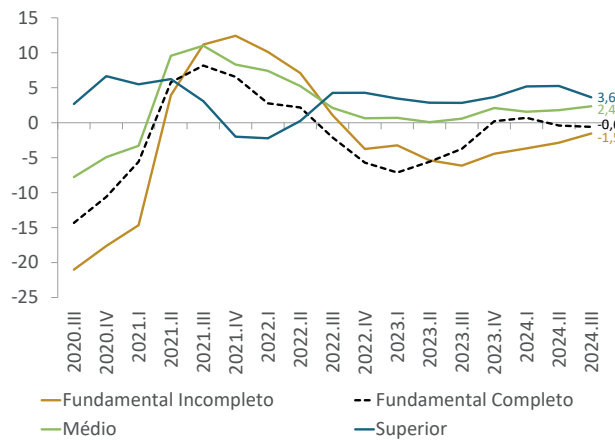
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 13**  
**População Economicamente Ativa - por grau de instrução**  
 (Variação interanual - %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 14**  
**População Ocupada - Por grau de instrução**  
 (Variação interanual - %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)  
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora y Araujo  
Sandro Sacchet de Carvalho  
Sergio Fonseca Ferreira

**Pesquisadores Visitantes:**

Debora Mesquita Pimentel  
Felipe dos Santos Martins

**Equipe de Assistentes:**

Beatriz de Luna Barreto  
Marcelo Guedes Pecky  
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Equipe Administrativa:**

Amanda Fernandes Tatagiba  
Aline Conceição Santos  
Rosanne Rodrigues Barbosa

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges  
Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---